

Quis o acaso que, no meio dos divertimentos próprios de um Inverno londrino, tenha aparecido nas várias festas dos senhores da moda, um certo aristocrata mais notável pelas suas singularidades do que pela sua posição social. Olhava para a alegria que o cercava como se não pudesse participar nela. Aparentemente, o riso frívolo dos belos atraía a sua atenção apenas para logo a seguir o sufocar com um olhar e lançar medo naqueles peitos onde imperava a leviandade. Os que experimentavam essa sensação de temor não sabiam explicar o que a originava: uns atribuíam-na aos mortíços olhos cinzentos que, ao fixarem o rosto de uma pessoa, pareciam não conseguir penetrá-lo num relance e rasgar caminho até aos mais secretos mecanismos do coração, antes pousando como um raio de chumbo e pesando sobre a pele que não logravam trespassar. As suas peculiaridades faziam com que fosse convidado para todas as casas; todos desejavam vê-lo, e os que estavam habituados a emoções violentas, e sentiam agora o peso do *ennui*, ficavam satisfeitos por encontrarem, na sua presença, alguma coisa capaz de lhes cativar a atenção. Apesar da lividez do seu rosto, que nunca ganhava cor mais quente, fosse pelo rubor da modéstia ou pela emoção forte da paixão (embora a sua forma e os seus contornos fossem belos), muitas das caçadoras de notoriedade tentavam conquistar os seus galanteios ou, pelo menos, alguns sinais do que poderiam classificar como afecto: Lady Mercer, que desde o seu casamento tinha sido objecto do escárnio de todos os monstros frequentadores de salões, atravessou-se no seu caminho e só lhe

faltou vestir-se de saltimbanco para atrair a sua atenção — mas em vão: quando parou à frente dele, e apesar de os seus olhos estarem aparentemente fixos nos dela, pareciam mesmo assim alheados, frustrando-lhe a própria impudência destemida e obrigando-a a abater em retirada. Mas se a vulgar adúltera não conseguia influenciar sequer o rumo do seu olhar, tal não significava que o sexo feminino lhe fosse indiferente: no entanto, a aparente cautela com que falava à esposa virtuosa e à filha inocente era tal, que poucos se apercebiam que, por vezes, ele se dirigia a mulheres. Tinha, contudo, fama de possuir uma língua cativante; e fosse por ela ultrapassar da sua personalidade singular, ou porque as emocionava a sua aparente aversão pelo vício, era visto com igual frequência, tanto com aquelas mulheres que baseiam o orgulho do seu sexo nas suas virtudes domésticas, como entre as que o maculam com os seus vícios.

Por esta época, chegou a Londres um jovem cavalheiro com o apelido de Aubrey: tratava-se de um órfão, que herdara, juntamente com a sua única irmã, uma grande fortuna dos pais que tinham morrido quando era ainda criança. Entregue a si mesmo pelos tutores, que consideravam seu dever cuidar-lhe somente da fortuna, enquanto abandonavam o encargo mais importante da sua mente ao cuidado de subalternos mercenários, cultivou mais a imaginação do que o discernimento. Era assim vítima daquele elevado sentimento romântico de honra e sinceridade que todos os dias traz a ruína a tantos aprendizes de chapeleiro. Acreditava que todos simpatizavam com a virtude, e que o vício era enviado pela Providência apenas pelo seu efeito pitoresco no cenário, como vemos nos romances: pensava que a miséria de uma cabana consistia apenas em nela se vestirem roupas que, sendo tão quentes como as outras, mais bem se adaptavam à visão do pintor, devido às suas pregas irregulares e aos seus vários remendos coloridos. Pensava, em suma, que os sonhos dos poetas eram as realidades da vida. Era belo, franco e rico e por tais razões, quando entrava nos círculos festivos, muitas eram as mães que o cercavam, rivalizando entre si para ver qual

descrevia com menos verdade as suas lânguidas ou turbulentas favoritas: as filhas, de igual modo, pelo iluminar dos seus semblantes quando se aproximava, e pelo lampejar dos seus olhos, quando descerrava os lábios, depressa lhe inculcaram falsas ideias acerca dos seus talentos e do seu mérito. Afeiçoado como era ao devaneio das suas horas solitárias, alarmou-se ao descobrir que, com excepção das velas de sebo e das velas de cera que bruxuleavam, não devido à presença de um fantasma, mas sim pela necessidade de serem espevitadas, não havia qualquer fundamento na vida real para nenhum daqueles acervos de agradáveis quadros e descrições contidos nos volumes em que baseara a sua educação. Encontrando, todavia, alguma compensação na vaidade gratificada, preparava-se para renunciar aos seus sonhos quando o extraordinário ser que acima descrevemos lhe contrariou os planos.

Começou a vigiá-lo, e a própria impossibilidade de formar uma ideia do carácter de um homem inteiramente absorto em si mesmo, e que poucos outros sinais dava da sua observação de objectos exteriores para além do assentimento tácito da sua existência, implícito na abstenção de contacto com eles, permitiu à sua imaginação conceber todas as coisas capazes de lisonjear a sua tendência para as ideias extravagantes; e não demorou a transformar essa pessoa no herói de um romance e a decidir observar o fruto do seu devaneio, em vez do homem que tinha diante de si. Travou conhecimento com ele, foi cortês e de tal modo fez notar por ele que a sua presença era sempre reconhecida. Pouco a pouco, soube que os negócios de Lord Ruthven se haviam complicado e depressa descobriu, pelos sinais de preparativos em \_\_\_\_ Street, que ele se preparava para viajar. Desejoso de conseguir informação a respeito da singular personagem, que até então apenas aguçara a sua curiosidade, deu a entender aos seus tutores ser chegado o momento de empreender aquela viagem que, há muitas gerações, tem sido considerada necessária para habilitar os jovens a dar alguns passos rápidos no caminho da depravação, a fim de os pôr em pé de

igualdade com os mais velhos e evitar que pareçam caídos dos céus, naquelas ocasiões em que são mencionadas intrigas escandalosas, como objectos de gracejo ou elogio, consoante o grau de habilidade demonstrado na condução das mesmas. Eles consentiram, e Aubrey, que logo revelou as suas intenções a Lord Ruthven, ficou surpreendido ao receber dele um convite para o acompanhar. Lisonjeado por semelhante demonstração de apreço da parte de quem, aparentemente, nada tinha em comum com outros homens, aceitou de bom grado e, volvidos poucos dias, tinham transposto as águas circundantes.

Aubrey não tivera nenhuma oportunidade até então de estudar o carácter de Lord Ruthven, e descobria agora que, embora um maior número dos seus actos fosse exposto aos seus olhos, os resultados ofereciam conclusões discordantes dos motivos aparentes da sua conduta. O seu companheiro era pródigo na liberalidade: o ocioso, o vagabundo e o mendigo recebiam das suas mãos mais do que o suficiente para aliviar as suas carências imediatas. Mas Aubrey não pôde deixar de notar que não era aos virtuosos, reduzidos à indigência pelos infortúnios que até a virtude acompanham, que concedia as suas esmolas; estes eram mandados embora da sua porta com sarcasmos mal disfarçados; mas quando os dissolutos iam pedir alguma coisa, não para aliviar as suas carências, mas sim para chafurdar na luxúria, ou para se afundarem ainda mais na iniquidade, partiam com avultada caridade. Atribuía isso, no entanto, à maior ousadia dos perversos, que geralmente prevalece sobre a vergonha reservada dos indigentes virtuosos. Havia um pormenor na caridade de Sua Senhoria que estava ainda mais marcado na sua mente: todos aqueles a quem era concedida descobriam inevitavelmente pesar sobre ela uma maldição, pois ou iam parar ao cadafalso, ou mergulhavam na mais baixa e mais abjecta miséria. Em Bruxelas e noutras cidades pelas quais passaram, Aubrey ficou surpreendido com a aparente abstracção mental com que o seu companheiro procurava os antros da depravação que estavam em moda, onde mergulhava por completo no espírito da mesa de

faraó<sup>1</sup>: apostava e era sempre bem-sucedido, excepto quando tinha como adversário o batoteiro conhecido, pois então perdia mais ainda do que ganhava, mas fazia-o sempre com o mesmo rosto inalterável com que geralmente observava quem o rodeava. Tal já não sucedia, porém, quando defrontava o jovem principiante temerário ou o desafortunado chefe de uma família numerosa; nestas ocasiões o seu próprio desejo parecia a lei da fortuna: punha de lado a abstracção e os seus olhos cintilavam com mais fogo que os do gato enquanto se entretém com o rato moribundo. Em todas as cidades, deixava o antes opulento jovem, arrancado do círculo que adornara, amaldiçoando na solidão de um cárcere o destino que o colocara ao alcance daquele demónio; ao mesmo tempo, quantos pais assistiam, desvairados, aos olhares eloquentes de crianças famintas e silenciosas, sem terem já uma ínfima moeda da sua imensa fortuna anterior com que comprar sequer o suficiente para lhes saciar a fome presente. No entanto, não retirava dinheiro algum da mesa de jogo, mas imediatamente perdia, para ruína de muitos, o último florim acabado de arrancar das mãos convulsas dos inocentes: seria talvez o resultado de um certo grau de perícia, considerável já, mas incapaz ainda de combater a astúcia dos mais experientes. Aubrey desejava muitas vezes expor isso ao seu amigo, e rogar-lhe que renunciasse àquela caridade e àquele prazer que acabavam por se transformar na ruína de todos, e também não revertiam em seu próprio benefício; mas ia adiando, pois a cada dia esperava que o seu amigo lhe desse uma oportunidade para lhe falar franca e abertamente — o que, porém, nunca aconteceu. Lord Ruthven, na sua carruagem ou no meio dos diversos cenários selvagens e acolhedores da natureza, era sempre o mesmo: os seus olhos falavam menos do que os seus lábios; e embora Aubrey estivesse perto do objecto da sua curiosidade, não obtinha dele maior recompensa do que a excitação constante de inutilmente desejar decifrar aquele mistério que, na sua

<sup>1</sup> Jogo de cartas. No original, «faro». (N. T.)